

Tomando Decisões Bíblica

Lição 6

A Perspectiva Situacional:
Perseguindo Nosso Objetivo



thirdmill

Biblical Education. For the World. For Free.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa publicação pode ser reproduzida sob qualquer forma, ou para fins lucrativos, exceto em breves citações para os propósitos de revisão e comentários, sem a permissão da editora Third Millennium Ministries, Inc. 316 Live Oaks Blvd., Casselberry, Florida 32707.

A menos que indicado de outra forma, todas as citações das Escrituras são da Bíblia Sagrada, Standard Version® (ESV®), copyright © 2001 por Crossway um ministério de publicação da Good News Publishers. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

SOBRE O THIRD MILLENNIUM MINISTRIES

Fundado em 1997, Third Millennium Ministries é uma organização cristã sem fins lucrativos dedicada a proveer:

Educação Bíblica, Grátis, Para o Mundo

Nosso objetivo é oferecer educação cristã gratuita a centenas de milhares de pastores e líderes cristãos em todo o mundo que não possuem treinamento suficiente para o ministério. Atingimos esse objetivo produzindo e distribuindo globalmente um currículo de seminário multimídia sem paralelo em inglês, árabe, mandarim, russo e espanhol. Nosso currículo também está sendo traduzido para mais de uma dúzia de outros idiomas por meio de nossos ministérios parceiros. O currículo consiste em vídeos com gráficos, instruções impressas e recursos da Internet. Ele foi projetado para ser usado por escolas, grupos e indivíduos, tanto online quanto em comunidades de aprendizagem.

Ao longo dos anos, desenvolvemos um método altamente econômico de produzir lições de multimídia premiadas com o melhor conteúdo e qualidade. Nossos escritores e editores são educadores teologicamente treinados, nossos tradutores são falantes nativos teologicamente de seus idiomas-alvo e nossas lições contêm as idéias de centenas de respeitadores professores e pastores de todo o mundo. Além disso, nossos designers gráficos, ilustradores e produtores aderem aos mais altos padrões de produção usando equipamentos e técnicas de ponta.

Para cumprir nossas metas de distribuição, a Thirdmill estabeleceu parcerias estratégicas com igrejas, seminários, escolas bíblicas, missionários, emissoras cristãs e provedores de televisão por satélite e outras organizações. Essas relações já resultaram na distribuição de inúmeras vídeo-aulas para líderes indígenas, pastores e estudantes do seminário. Nossos sites também servem como vias de distribuição e fornecem materiais adicionais para complementar nossas lições, incluindo materiais sobre como iniciar sua própria comunidade de aprendizado.

Thirdmill é reconhecido pelo IRS como uma corporação 501 (c) (3). Dependemos das contribuições generosas e dedutíveis de impostos de igrejas, fundações, empresas e indivíduos. Para mais informações sobre o nosso ministério e para saber como você pode se envolver, visite www.thirdmill.org.

Conteúdo

I. Introdução	1
II. Circunstâncias do Reino.....	2
A. Importância do Reino	2
1. Bem-aventuranças	3
2. Oração do Pai Nosso	3
3. Necessidades Terrenas	4
B. Componentes do Reino	5
1. Rei	5
2. Pessoas	6
3. Alianças Bíblicas	8
C. Desenvolvimento do Reino	9
1. Paz inicial	9
2. Rebelião	10
3. Paz Final	10
III. Vida no Reino	11
A. Glorificar a Deus	12
1. Glória de Deus	12
2. Glorificação de Deus	13
B. Gozar a Deus	14
1. Papel da Humanidade	15
2. Papel da Lei	16
IV. Programa do Reino	17
A. Mandato Cultural	17
1. Definição	17
2. Ordenanças de Criação	18
3. Aplicações	19
B. Grande Comissão	22
1. Definição	22
2. Implicações	22
3. Mandato Cultural	23
V. Conclusão	25

Tomando Decisões Bíblicas

Lição 6

A Perspectiva Situacional: Perseguindo Nosso Objetivo

INTRODUÇÃO

Um jovem jogador de futebol da minha igreja escreveu recentemente um artigo que apareceu em nosso jornal local. No artigo, ele descreveu o futebol como consistindo em longos períodos de jogo contínuo com pouquíssimos gols. Ele chegou a dizer que uma partida de futebol ideal geralmente termina em uma placar de zero a zero.

Bem, em certo sentido, a vida cristã ética é um pouco como um jogo de futebol ideal. Em última análise, estamos em busca de um único grande objetivo — ou seja, o triunfo final do reino de Deus. Mas isso não é um objetivo que possamos alcançar instantaneamente. Na verdade, o povo de Deus tem se esforçado para atingir esse objetivo há milhares de anos e ainda precisamos alcançá-lo. No entanto, todos os nossos pensamentos, palavras e ações devem contribuir para o objetivo de glorificar a Deus através do triunfo de seu reino.

Esta é a sexta lição da nossa série Tomando Decisões Bíblicas, e nós a intitulamos “A Perspectiva Situacional: Perseguindo nosso Objetivo”. Nesta lição, vamos nos concentrar no objetivo abrangente que Deus colocou diante de nós, ou seja, o sucesso e triunfo de seu reino, uma vez que se espalha do céu para cobrir toda a terra.

Ao longo dessas lições, enfatizamos que o julgamento ético envolve a aplicação da Palavra de Deus a uma situação de uma pessoa. Este resumo destaca o fato de que há três aspectos essenciais a considerar em qualquer questão ética, a saber, a Palavra de Deus, a situação e a pessoa que toma a decisão.

Essas três preocupações de julgamento ético correspondem a três perspectivas que devemos tomar para questões éticas: a perspectiva normativa, que enfoca as normas reveladas por Deus; a perspectiva situacional, que se concentra na importância das situações e circunstâncias; e a perspectiva existencial, que direciona a atenção para os seres humanos.

Na lição anterior, apresentamos a perspectiva situacional sobre a ética cristã, enfatizando a importância de compreender os fatos de nossa situação. E além disso, também vimos que dois tipos de fatos desempenham um papel especial na ética: os objetivos que buscamos atingir e os meios que usamos para atingir esses objetivos. Nesta lição, estamos voltando nossa atenção para apenas uma dessas considerações situacionais: os objetivos da ética cristã. Especificamente, nos concentraremos no reino de Deus como o objetivo final ou último da ética cristã.

Nossa lição será dividida em três seções principais. Primeiro, vamos explorar as circunstâncias do reino de Deus, respondendo a perguntas como: o que é o reino e como ele se manifesta na história? Segundo, consideraremos a vida no reino, concentrando-nos em nossas experiências pessoais dentro do reino de Deus e avaliando-as em termos dos objetivos gerais que Deus estabeleceu para nós. E em terceiro lugar, descreveremos o programa para o reino, observando alguns dos objetivos mais específicos e imediatos que Deus ordenou como meios para alcançar o objetivo supremo do reino. Vamos começar nos voltando para as circunstâncias do reino de Deus.

CIRCUNSTÂNCIAS DO REINO

Vamos discutir três aspectos das circunstâncias do reino. Primeiro, vamos explicar a importância do reino de Deus e mostrar por que é apropriado dizer que o reino de Deus é o objetivo final da ética cristã. Segundo, identificaremos os componentes do reino, as partes constituintes do reino de Deus. E terceiro, vamos explorar o desenvolvimento do reino, as formas como ele progrediu ao longo da história. Vamos primeiro voltar nossa atenção para a importância do reino de Deus.

IMPORTÂNCIA DO REINO

Como mencionamos em lições anteriores, o julgamento ético sempre tem o objetivo correto em mente. E como dissemos repetidamente, o objetivo mais elevado da ética é a glória de Deus. Mas o que também precisamos perceber é que a glória de Deus se manifesta em seu reinado e seu reino.

Do Gênesis ao Apocalipse, a Escritura revela que Deus é o rei sobre toda a criação. E ensina que o objetivo final da história é mostrar o reinado de Deus através do reino de Cristo. Nesse sentido, podemos pensar no reino de Deus como a história abrangente de toda a Bíblia.

As Escrituras ensinam que Deus é mais glorificado através do estabelecimento e triunfo do seu reino em Cristo. Ou seja, ele será mais honrado quando for reconhecido por todas as criaturas como o supremo criador Deus, o rei sobre todos. Paulo tinha esse fim último da história em mente em 1 Timóteo 1:17, onde ele ofereceu essa doxologia:

Ao Rei eterno, o Deus único, imortal e invisível, sejam honra e glória para todo o sempre. Amém (1 Timóteo 1:17).

Então, quando falamos da glória de Deus como a meta mais alta da ética, também estamos dizendo que o reino de Deus é o objetivo mais elevado da ética. Agora, as Escrituras têm muitas coisas a dizer sobre o reino de Deus como o objetivo da ética cristã. Mas, para apresentar esse assunto, vamos nos concentrar em algumas das maneiras como Jesus falou sobre o reino de Deus no Sermão da Montanha, encontradas em Mateus 5-7.

Consideraremos três ocasiões específicas em que Jesus falou do reino de Deus como objetivo da ética durante seu Sermão da Montanha. Primeiro, vamos analisar sua discussão sobre o reino de Deus nas bem-aventuranças no início do Sermão. Em segundo lugar, vamos considerar a oração do Pai Nosso. E terceiro, nos concentraremos nos ensinamentos de Jesus sobre as necessidades terrenas. Em cada uma dessas seções, Jesus indicou que o reino de Deus deve ser a principal prioridade de nossas vidas. Vamos começar com as bem-aventuranças, encontradas em Mateus 5: 3-12.

Bem-aventuranças

A bem-aventurança é uma declaração sobre a vida abençoada. Assim, as declarações de Jesus Mateus 5:3-12 são chamadas de “beatitudes” porque cada uma delas começa com a frase “bem-aventurados são”. Essas bem-aventuranças listam muitas coisas que Deus abençoa.

Os ensinamentos de Jesus sobre a bem-aventurança são importantes para o nosso estudo da ética porque, como você deve lembrar, definimos a ética cristã como:

Teologia, vista como um meio de determinar quais pessoas, atos e atitudes humanas recebem as bênçãos de Deus e quais não.

Por esta definição, tudo o que Deus abençoa é moralmente bom e correto. Assim, com as bem-aventuranças, Jesus começou seu sermão incentivando as pessoas a viverem eticamente. E, significativamente, ele descreveu as bênçãos e a ética em termos do reino de Deus. Considere apenas alguns dos exemplos mais óbvios disso:

- Em Mateus 5:3, a bênção foi “deles é o reino dos céus”. Essa mesma bênção foi repetida no versículo 10. Embora Mateus tenha usado a frase “reino dos céus” aqui, muitos estudiosos notaram que esse termo é exclusivo do evangelho de Mateus e que isso significa a mesma coisa que “reino de Deus”.
- No versículo 5 a bênção era “eles herdarão a terra”. Essa também foi uma bênção do reino porque se referia à nova terra que Deus criará quando o seu reino vier em toda a sua plenitude.
- E no versículo 9 a bênção foi “eles serão chamados filhos de Deus”. Até mesmo essa declaração de bem-aventurança refere-se à realeza e reino de Deus. Nos dias da Bíblia, os reis humanos eram frequentemente chamados de “pai” pelos seus súditos. E o mesmo é verdade nas Escrituras; Deus é frequentemente chamado de nosso pai porque ele é nosso pai real. Então, nesse versículo, Jesus ensinou que Deus será o pai real, o rei amoroso de seus filhos abençoados.

De uma maneira ou de outra, cada uma dessas bênçãos mencionadas por Jesus estava intimamente relacionada ao conceito do reino de Deus. E Jesus estabeleceu especificamente as bênçãos do reino de Deus como a recompensa ou o objetivo que motivou seus ouvintes a viver eticamente. Ele apresentou o reino de Deus como um foco essencial para a ética cristã.

Oração do Pai Nosso

Além das bem-aventuranças, a Oração do Pai Nosso, encontrada em Mateus 6:9-13, também enfoca o reino de Deus como objetivo da ética. Ouça o início da oração do Senhor em Mateus 6:9-10:

Pai nosso, que estás nos céus! Santificado seja o teu nome. Venha o teu

Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu (Mateus 6:9-10).

Todas as quatro declarações têm um enfoque no reino.

No discurso “Pai nosso que estás nos céus”, Deus é reconhecido como nosso pai, mas note que ele é especificamente descrito como nosso pai que estás nos céus. A imagem dos céus em toda a Bíblia é a mesma: é a sala do trono de Deus. Então, quando Jesus disse aos seus discípulos para orarem “Pai nosso que estás nos céus”, ele tinha em mente que eles orassem a Deus como seu pai real, o divino rei entronizado no céu, o grande pai de seu império.

Na primeira petição, “santificado seja o teu nome”, Jesus instruiu seus discípulos a reverenciar o nome de Deus. As Escrituras freqüentemente igualam o nome de Deus com sua pessoa e autoridade. No contexto da Oração do Pai Nosso, essa é uma petição de que todas as criaturas venham a se curvar a Deus por causa de sua insuperável autoridade real.

Na segunda petição, “venha o teu reino”, Jesus exortou seus discípulos a orar pelo cumprimento do reino de Deus na Terra. Isso estava de acordo com seu ensinamento de que Deus está estendendo seu reino celestial à terra.

Na terceira petição, “seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”, Jesus indicou que todas as criaturas no céu já obedecem à vontade de Deus. Mas Jesus nos instruiu a orar para que todas as criaturas na terra obedecessem ao Rei divino da mesma maneira. Então, mais uma vez, vemos que Jesus estabeleceu o reino de Deus como uma alta prioridade para a ética cristã.

Necessidades Terrenas

Agora que examinamos as bem-aventuranças e a oração do Pai Nosso, estamos prontos para nos voltarmos para os ensinamentos de Jesus sobre as necessidades terrenas. Esta passagem aparece em Mateus 6:25-34.

Todo mundo tem necessidades terrenas, como comida e roupas. Mas Jesus ensinou que não devemos ter ansiedade sobre essas questões. Em vez disso, devemos nos concentrar no reino de Deus. Ouça as palavras de Jesus em Mateus 6:31-33:

Não se preocupem, dizendo: ‘Que vamos comer?’ ou ‘Que vamos beber?’ ou ‘Que vamos vestir?’ ... o Pai celestial sabe que vocês precisam delas [dessas coisas]. Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas (Mateus 6:31-33).

Não é errado dar atenção adequada às necessidades terrenas, como comida e roupas. Mas aqui Jesus deixou bem claro que buscar o reino de Deus não é apenas um dos muitos objetivos que temos como seguidores de Cristo. De todas os objetivos que temos na vida, nossa primeira ou principal preocupação deve ser a glorificação de Deus através do triunfo de seu reino na terra.

Assim, vemos que em várias ocasiões no Sermão da Montanha, Jesus deixou bem claro que o objetivo final da vida cristã, o maior objetivo para o qual devemos nos empenhar, é a glorificação de Deus através do triunfo de seu reino.

Tendo visto a importância do reino de Deus como o objetivo da ética cristã, devemos examinar os componentes do reino para descobrir mais precisamente quais são seus elementos essenciais.

COMPONENTES DO REINO

Há muitas maneiras de descrever o reino de Deus, mas falaremos de três componentes principais do reino. Primeiro, falaremos do papel do rei. Em segundo lugar, nos voltaremos para as pessoas ou cidadãos do reino. E terceiro, vamos olhar para as alianças que governam o relacionamento entre o rei e seu povo. Vamos começar com o papel do rei dentro do reino.

Rei

As pessoas modernas muitas vezes têm dificuldade em entender o que significa dizer que Deus é o governante de seu reino porque muitos de nós nunca vivemos sob a autoridade de um rei humano. Mas no mundo antigo da Bíblia, as pessoas estavam muito familiarizadas com reis e reinos. Naquela época, esperava-se que os reis cumprissem suas responsabilidades para com os cidadãos de seus países. Eles deveriam protegê-los e provê-los e tratá-los com bondade. Os reis também tinham autoridade legal para tributar, para levantar exércitos e para regular muitos aspectos da vida. Bons reis governaram sabiamente para beneficiar seu povo. Eles trabalhavam duro para protegê-los dos poderes estrangeiros, bem como dos problemas naturais e domésticos.

Na Bíblia, Deus é frequentemente apresentado como o suserano, ou imperador supremo, sobre toda a criação. E todos os reis da terra são seus vassallos, ou reis servos, que vivem na terra, mas prestam tributo ao seu superior no céu. Por exemplo, lemos estas palavras no Salmo 103:19:

O Senhor estabeleceu o seu trono nos céus, e como rei domina sobre tudo o que existe (Salmos 103:19).

E o Salmo 47:9 declara:

Os governantes da terra pertencem a Deus; ele é soberanamente exaltado (Salmo 47:9).

O governo supremo de Deus como o rei sobre todos é um tema importante que percorre toda a Bíblia.

Embora, como o criador, Deus é rei sobre todas as nações, as Escrituras também ensinam que ele era rei sobre Israel no Antigo Testamento e a igreja no Novo Testamento

de uma maneira especial . De fato, quando Deus estabeleceu o trono de Davi sobre Israel, o trono de Davi representou a autoridade e o poder do próprio Deus. Ouça o modo como 1 Crônicas 29:23 fala do rei humano de Israel:

Salomão assentou-se como rei no trono do Senhor, em lugar de Davi, seu pai (1 Crônicas 29:23).

Observe que tanto Davi como Salomão sentaram-se no trono do Senhor em Jerusalém. O trono ainda pertencia a Deus, de modo que os reis humanos de Israel sentavam-se nele apenas como seus vassalos.

E em Mateus 5:34-35, Jesus confirmou que este ainda era o caso em seu dia. Ouça a instrução que ele deu sobre juramentos:

Não jurem de forma alguma: nem pelos céus, porque é o trono de Deus; 35 nem pela terra, porque é o estrado de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei (Mateus 5:34-35).

Deus governou Israel do seu trono no céu, e Jerusalém ainda era a capital terrena de seu reino.

Agora que vimos que Deus é o rei sobre toda a criação e o rei de uma maneira especial sobre Israel e a igreja, devemos voltar nossa atenção para as pessoas ou cidadãos que vivem no reino de Deus.

Pessoas

Como Deus é o imperador sobre toda a criação, há um sentido em que seu reinado sempre foi sobre toda pessoa viva. Mas quando a Bíblia fala sobre o povo do reino de Deus, é geralmente referindo-se às pessoas que Deus chamou a si mesmo em contraste com as pessoas do mundo que seguem os caminhos do mal. O Antigo Testamento geralmente fala assim sobre Abraão e seus descendentes. E o Novo Testamento geralmente usa essa linguagem para falar sobre a igreja, uma vez que os cristãos de todas as raças foram adotados na família de Abraão em Cristo.

Quando Deus criou o mundo, ele estabeleceu a humanidade como seus reis vassalos. Ele nomeou Adão e Eva e os filhos que eles deveriam ter para governar toda a criação como seus reis servos. Era seu trabalho governar todos os animais, assim como eles mesmos, para o sucesso do reino de Deus. Ouça as palavras de Davi no Salmo 8, versículos 5 e 6:

Tu ... o coroaste de glória e de honra. Tu o fizeste dominar sobre as obras das tuas mãos (Salmos 8:5-6).

Referindo-se ao relato da criação em Gênesis, capítulo 1, Davi indicou que a humanidade havia sido coroada e nomeada governante de todo o mundo e de todos os seus habitantes. Em suma, Deus fez dos seres humanos seus reis vassalos sobre a criação.

Em Gênesis, também aprendemos que parte do trabalho da humanidade era fazer com que o mundo inteiro se parecesse com o Jardim do Éden. Quando Deus criou o mundo, tudo era bom, mas o único lugar que Deus plantou de maneira adequada à habitação humana foi o Jardim do Éden. Como lemos em Gênesis 2:8-9:

O Senhor Deus tinha plantado um jardim no Éden, para os lados do leste, e ali colocou o homem que formara. Então o Senhor Deus fez nascer do solo todo tipo de árvores agradáveis aos olhos e boas para alimento. E no meio do jardim estavam a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal (Gênesis 2:8-9).

O Jardim foi preparado para seres humanos e povoado por seres humanos. E foi confiado a humanidade, como reis vassalos, a tarefa de espalhar este padrão por todo o mundo. Deus afirmou isso claramente em Gênesis 1:28, onde ele deu essa instrução aos nossos primeiros pais:

Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! (Gênesis 1:28).

Assim, vemos que era responsabilidade da humanidade povoar o mundo inteiro, enchendo-o de cidadãos do reino de Deus e aprimorá-lo como Deus havia aperfeiçoado o Jardim do Éden.

Então, desde o início, o reino de Deus era um Adão global em seu foco e destino. Deus governou diretamente sobre toda a humanidade, e ele pretendia que o mundo inteiro fosse seu reino. E isso continuou desde o tempo de Adão e Eva até os dias de Abraão, que viveu cerca de 2.000 anos antes de Cristo. Nós lemos sobre isso em Gênesis 17:6, onde o Senhor fez a seguinte promessa a Abraão:

Eu o tornarei extremamente prolífero; de você farei nações e de você procederão reis (Gênesis 17:6).

Nos dias de Abraão, Deus estreitou seu foco para um nível nacional, concentrando-se nos descendentes de Abraão como seu reino especial dentro de seu domínio mais amplo do mundo. Esse foco nacional culminou em Jesus, o último rei vassalo sobre o povo de Deus na terra.

Jesus falou de seu reinado em muitos lugares, como em Mateus 27:11, onde lemos sobre sua conversa com Pilatos:

Jesus foi posto diante do governador, e este lhe perguntou: “Você é o rei dos judeus?” Respondeu-lhe Jesus: “Tu o dizes” (Mateus 27:11).

Sob o reinado de Jesus, o foco do reino de Deus tornou-se eclesial, significando que estava centrado na igreja. Através do evangelho, a salvação se espalhou com tanto sucesso para além do povo e fronteiras de Israel que a peça central do reino de Deus não era mais uma nação única, mas a igreja em todo o mundo. O reino de Deus agora inclui pessoas de todas as raças e continua a se espalhar até os confins da terra.

Por exemplo, considere Apocalipse 5:9-10, onde a canção celestial louvando a Jesus inclui estas palavras:

Com teu sangue compraste para Deus gente de toda tribo, língua, povo e nação. Tu os constituíste reino e sacerdotes para o nosso Deus, e eles reinarão sobre a terra” (Apocalipse 5:9-10).

Tendo falado do rei e do povo, devemos mencionar um terceiro componente do reino: as alianças que governam as relações entre eles.

Alianças

No mundo antigo, os reis-suseranos administravam frequentemente seus grandes impérios, impondo alianças ou tratados às nações vassalas e seus reis. Essas alianças normalmente mencionavam a boa vontade do suserano em relação ao vassalo, relacionavam as obrigações do vassalo com o suserano e declaravam as conseqüências da obediência ou desobediência a essas obrigações.

Da mesma forma, em toda a Bíblia, Deus administrou seu reino por meio de alianças. Suas alianças expressavam a boa vontade de Deus para com seu povo, listavam as obrigações do povo para com Deus e declaravam as conseqüências da obediência ou desobediência a essas obrigações, especificamente, bênçãos para obediência e maldições para desobediência.

É comum falar de seis importantes alianças entre Deus e seu povo. A Bíblia fala da aliança de Deus com Adão em Oséias 6:7; a aliança com Noé em Gênesis 6 e 9; a aliança com Abraão em Gênesis 15 e 17; a aliança através de Moisés primeiramente em Êxodo 19-24; a aliança com Davi em 2 Samuel 7 e Salmos 89 e 132; e a aliança final em Cristo em lugares como Lucas 22:20 e Hebreus 12:23-29. Essas alianças nunca estavam em conflito uma com a outra. Em vez disso, elas administravam e governavam sucessivamente o reino de Deus à medida que ele crescia ao longo da história. Desde o início, o relacionamento de Deus com a humanidade tem sido governado por alianças. A natureza da aliança do relacionamento de Deus com seu povo continuou em todo o Antigo Testamento na história de Israel. E até mesmo a fé cristã do Novo Testamento é explicada em termos da nova aliança em Cristo.

Entender que Deus sempre administrou seu reino por meio de sua aliança é muito importante para a ética cristã. Para explicar nos termos de nossas lições, as alianças bíblicas indicam os fatos de nossa situação — que Deus é nosso rei e que somos os servos do seu reino. Essas alianças estabelecem os tipos de objetivos do reino que Deus abençoa e delineiam muitos dos meios que devemos usar para alcançar os objetivos que ele abençoa. Em resumo, nosso relacionamento de aliança com Deus nos ajuda a entender como cada aspecto de nossas vidas deve trabalhar para trazer glória ao nosso grande rei.

Agora que exploramos a importância do reino de Deus como objetivo da ética cristã e analisamos os componentes do reino, devemos nos voltar brevemente para o desenvolvimento histórico do reino, os contornos que o reino de Deus exibiu e exibirá ao longo do tempo. história.

DESENVOLVIMENTO DO REINO

Tem sido uma tradição de longa data resumir a história da Bíblia em termos de três fases históricas: criação, queda e redenção. E vamos seguir este mesmo esquema básico. Mas vamos chamar essas fases por nomes diferentes, a fim de destacar nossa ênfase no reino. Falaremos da fase da criação como a época em que o reino estava em um estado de paz inicial. Vamos nos referir à queda da humanidade no pecado como a rebelião da humanidade contra o Rei divino. E falaremos da fase da redenção como um tempo de paz final que excede a paz inicial da criação, à medida que Deus leva seu reino ao seu cumprimento glorioso.

Vamos abordar estas três fases na ordem histórica, começando com a paz inicial, continuando com a rebelião da humanidade e concluindo com o tempo da paz final do reino. Vamos voltar nossa atenção para o período da paz inicial.

Paz Inicial

No princípio, quando Deus criou o mundo, a humanidade viveu em perfeita harmonia com Deus. Adão e Eva eram servos obedientes. E como resultado, houve paz entre Deus e a humanidade.

Como vimos, durante esse período, Deus designou seres humanos para servir como seus reis vassalos. E a princípio, a humanidade cumpriu bem esse papel em perfeita concordância com suas obrigações para com Deus. Como resultado, Adão e Eva foram abençoados com comunhão íntima com Deus e continuaram a viver no Jardim do Éden, onde a vida era feliz e fácil.

De fato, o restante das Escrituras muitas vezes olha para este ambiente de jardim como uma época de grande paz e prosperidade. Por exemplo, em Isaías 51:3, lemos estas palavras:

Com certeza o Senhor consolará Sião e olhará com compaixão para todas as ruínas dela; ele tornará seus desertos como o Éden, seus ermos, como o jardim do Senhor. Alegria e contentamento serão achados nela, ações de graças e som de canções (Isaías 51:3).

Durante o tempo de paz no Jardim do Éden, a vida humana era cheia de alegria, de agradecimento e de canto. Neste período inicial, o resto do mundo estava subdesenvolvido. Mas no jardim, onde a sociedade humana existia, havia uma grande paz.

E, como lemos em Gênesis 3, esse era um mundo em que o trabalho e a maternidade eram relativamente fáceis e cheios de alegria. Nenhum inimigo os ameaçava com guerra; nenhum animal os ameaçava com violência; nenhuma doença ameaçava a saúde; nenhuma seca ou inundação ou incêndio ameaçavam destruir casas e plantações. Mas, ao contrário, Deus se importava com ternura por Adão e Eva e até andava e se encontrava com eles no frescor do jardim.

Em suma, esse era um mundo em que todos os componentes da aliança funcionavam adequadamente para favorecer a humanidade. Deus, o grande rei, mostrou uma incrível boa vontade para com o seu povo, criando-os, colocando-os num jardim idílico e dando-lhes autoridade sobre toda a criação. Com relação às obrigações humanas, o Senhor exigiu que elas o servissem e lhe obedecessem. E eles fizeram isso sem falhas. E com relação às conseqüências, a obediência da humanidade resultou em grandes bênçãos de Deus. Foi assim que Deus criou o mundo para a humanidade, e ainda é assim que o mundo deve ser.

Infelizmente, a história do reino de Deus vai além desse período de paz inicial até um momento de rebelião contra Deus — uma época em que a humanidade quebrou suas obrigações de aliança com o grande rei e se rebelou contra ele.

Rebelião

Todos nós conhecemos a história da rebelião inicial da humanidade contra Deus. Gênesis 3 registra que a serpente tentou Eva a comer da árvore proibida do conhecimento do bem e do mal, e Eva cedeu à tentação. Ela também deu algumas das frutas para Adão, e ele também comeu. Ao pecar dessa maneira, a humanidade violou uma de suas obrigações da aliança. E como resultado, eles receberam as maldições da aliança.

Em resposta à sua rebelião, Deus expulsou Adão e Eva do Jardim e os forçou a viver em um mundo onde o solo era difícil de trabalhar, onde o parto era doloroso, onde a doença, a fome, os animais selvagens e a guerra os ameaçavam e a seus filhos. Eles ainda estavam atrelados as obrigações da aliança, mas agora estavam experimentando as conseqüências negativas do fracasso dessas obrigações.

E essa rebelião caracterizou o mundo ao longo da história. A humanidade continuou a se rebelar contra o grande rei, e Deus continuou a punir a humanidade com maldições da aliança. Ele destruiu o mundo inteiro com uma inundação nos dias de Noé. Ele permitiu que doença e natureza e guerra devastassem a humanidade através de suas gerações. E ao longo de tudo, a humanidade não aprendeu sua lição. Em vez de nos voltarmos para Deus em arrependimento e cumprirmos nossas obrigações com a aliança, continuamos a nos rebelar e a perpetuar as maldições da aliança. Mas misericordiosamente, Deus não nos abandonou à rebelião e à maldição. Em vez disso, ele determinou trazer a paz final ao seu reino, para devolver a bênção ao seu povo.

Paz Final

Aos poucos, Deus começou a restaurar a paz em seu reino imediatamente após a queda da humanidade em pecado. Como vemos em Gênesis 3, Deus não destruiu Adão e Eva imediatamente quando pecaram. Em vez disso, ele permitiu que eles vivessem. E mesmo enquanto Deus os amaldiçoava, ele apresentou a primeira oferta do evangelho a eles. Ouça as palavras de Deus para a serpente em Gênesis 3:15:

Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o

descendente dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar” (Gênesis 3:15).

Aqui, Deus explicou que a descendência da mulher esmagaria a cabeça da serpente. Os teólogos comumente chamam isso de *protoevangelion*, ou “primeiro evangelho”, porque foi a primeira vez na história que Deus se ofereceu para enviar um redentor para resgatar a humanidade da maldição do pecado.

Nesse sentido, ao longo da história do mundo após a Queda, Deus estava trabalhando em direção ao objetivo da plena redenção e sucesso de seu reino. O Antigo Testamento nos diz que o evangelho estava em operação reconciliando algumas pessoas com Deus e estabelecendo a paz entre Deus e seu povo redimido. Mas, embora Deus sempre tenha mantido um povo que lhe era fiel em todo o Antigo Testamento, ele não restaurou seu reino à glória que era exibida durante os dias da paz inicial.

Mas durante o ministério terreno de Cristo, a restauração da paz deu um enorme salto à medida que alcançava os últimos estágios de seu cumprimento. Jesus foi o redentor para quem todo o Antigo Testamento apontou. Ele veio à Terra como o rei vassalo de Deus, a fim de restabelecer um reino fiel na Terra e de espalhar o reino celestial de Deus por todo o mundo. Ele continua esse trabalho agora. E quando ele vier novamente em glória, Jesus completará a restauração do reino, trazendo o mundo inteiro para a gloriosa paz final com nosso divino Rei.

Agora que exploramos as circunstâncias do reino de Deus, estamos prontos para nos voltarmos para nosso segundo grande tópico: a vida no reino de Deus. Nesta seção, vamos nos concentrar no duplo objetivo que Deus nos designou dentro de seu reino.

VIDA NO REINO

Anteriormente nesta lição, mostramos que o objetivo ético mais importante a ser perseguido é a glória de Deus através do triunfo de seu reino. Neste ponto, vamos considerar algumas implicações práticas deste objetivo, especialmente no que se refere às nossas vidas como cidadãos do reino de Deus. Em particular, estaremos procurando respostas para a pergunta: Que tipos de metas devemos seguir quando buscamos o reino de Deus?

O *Catecismo Menor de Westminster* oferece orientação significativa para nossos objetivos na vida em sua primeira pergunta e resposta. Em resposta à pergunta:

Qual é o fim principal do homem?

O catecismo responde:

O principal objetivo do homem é glorificar a Deus e desfrutá-lo para sempre.

Você notará que o catecismo descreve um objetivo duplo. Por um lado, diz que devemos buscar a glória para Deus. E por outro lado, devemos buscar o desfrute de Deus para sempre.

Nossa discussão do duplo objetivo do reino de Deus seguirá essa mesma divisão. Primeiro, vamos considerar o que significa glorificar a Deus como nosso Divino Rei. Em segundo lugar, falaremos sobre o que significa desfrutar de Deus em seu reino. Vamos começar com o objetivo de glorificar a Deus como nosso divino rei.

GLORIFICAR DEUS

Nesta seção, exploraremos a ideia de que Deus é glorificado principalmente pelo triunfo de seu reino, e faremos isso em duas partes. Primeiro, definiremos a glória de Deus e, segundo, consideraremos a questão da glorificação de Deus. Vamos começar com a glória de Deus.

Glória de Deus

As Escrituras usam a palavra “glória” — ou *kavod* em hebraico e *doxa* em grego — para dizer várias coisas diferentes sobre Deus. Muitas vezes, a “glória” de Deus é a sua aparência, especialmente a nuvem de luz que o rodeia como em Êxodo 24:17 ou Ezequiel 10:4. Mas quando falamos da glória de Deus como o objetivo da ética, não estamos pensando principalmente em termos de sua aparência. Em vez disso, estamos mais preocupados com a fama ou reputação de Deus, especialmente a fama que ele recebe por meio de suas obras poderosas. Por exemplo, em Êxodo 14:4, Deus falou estas palavras:

Eu serei glorificado por meio do faraó e de todo o seu exército; e os egípcios saberão que eu sou o Senhor (Êxodo 14:4).

Nesta passagem, Deus indicou que o reconhecimento de sua glória, isto é, sua fama ou reputação, aumentaria quando os egípcios vissem que seu poder os havia derrotado. Eles se ressentiriam da sua glória, mas eles ainda teriam que reconhecer isso.

Em um sentido relacionado à fama e reputação de Deus, também estamos interessados na glória de Deus em termos de honra e louvor que é dada a ele. Ao contrário dos egípcios que se ressentiam das gloriosas obras de poder de Deus, os cristãos devem apreciar o poder de Deus e aumentar sua fama e reputação proclamando seus atos e dando-lhe graças. Por exemplo, este é o significado de “glória” no Salmo 29:1-2, onde lemos estas palavras:

Atribuem ao Senhor, ó seres celestiais, atribuem ao Senhor glória e força. Atribuem ao Senhor a glória que o seu nome merece; adorem o Senhor no esplendor do seu santuário (Salmos 29:1-2).

Como apenas um exemplo, ouça as palavras de Apocalipse 4:9-11:

Toda vez que os seres viventes dão glória, honra e graças àquele que está assentado no trono e que vive para todo o sempre, os vinte e quatro anciãos se prostram diante daquele que está assentado no trono e adoram aquele que vive para todo o sempre. Eles lançam as suas coroas diante do trono, e dizem: “Tu, Senhor e Deus nosso, és digno de receber a glória, a honra e o poder, porque criaste todas as coisas, e por tua vontade elas existem e foram criadas” (Apocalipse 4:9-11).

Três vezes nesta curta passagem nos é dito que Deus recebe este culto enquanto está sentado em seu trono real. E esta é a imagem consistente em toda a Escritura.

Agora que vimos qual é a glória de Deus e como ela se relaciona com seu reinado, devemos nos voltar para a glorificação de Deus. Nesta seção, faremos perguntas como: Por que a glória de Deus é nosso objetivo? E como podemos aumentar a glória do nosso divino rei?

Glorificação de Deus

Mais fundamentalmente, os seres humanos são obrigados a glorificar a Deus porque ele é o nosso rei. E como nosso rei, ele tem o direito de exigir nosso louvor e adoração. Como o *Catecismo Menor de Westminster* indica em sua primeira pergunta e resposta, o propósito fundamental da humanidade é aumentar a glória de Deus. E um dos melhores lugares para ver isso nas Escrituras é no relato da criação, onde Deus declarou especificamente seu propósito para criar a humanidade. Ouça as palavras de Gênesis 1:26-28:

Então disse Deus: “Façamos o homem à nossa imagem ... Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão”. Criou Deus o homem à sua imagem ... Deus os abençoou, e lhes disse: “Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra” (Gênesis 1:26-28).

Quando Deus criou a humanidade, ele nos designou um propósito. E esse propósito era governar a terra como seus reis vassalos, espalhando seu governo e as bênçãos de seu reino por todo o mundo. E sob o reinado vassalo de Cristo, esse ainda é o nosso propósito. Devemos melhorar o mundo, aumentando o governo e as bênçãos de Deus. E devemos multiplicar os cidadãos dentro de seu reino, ensinando-os a reconhecer, honrar e louvar nosso grande rei suserano. E quando cumprimos esse propósito, o valor de Deus, fama e reputação aumentam. E desta forma, a sua glória aumenta também.

E vemos essa ênfase na glória de Deus repetida de muitas maneiras por toda a Escritura. Por exemplo, os Salmos nos ensinam a meditar nas boas obras e poder de

Deus, o que aumenta sua reputação. E eles nos ensinam a cantar sobre essas coisas, o que é uma forma de honrá-lo e louvá-lo.

E os livros históricos registram muitas das obras de poder, misericórdia e julgamento de Deus. Através de seus registros, eles nos ensinam a lembrar a bondade e a soberania de Deus, e nos dão mais razões para louvá-lo.

Os livros proféticos, por sua vez, nos ensinam a ter esperança na glória futura de Deus. E esta esperança é a nossa motivação para buscar a justiça nesta vida.

Além disso, na lei de Deus, a obediência a todos os mandamentos de Deus é, na verdade, equiparada à reverência por sua glória. Ouça a maneira como Moisés resumiu a lei em Deuteronômio 28:58:

Se vocês não seguirem fielmente todas as palavras desta lei, escritas neste livro, e não temerem este nome glorioso e terrível, o Senhor, o seu Deus (Deuteronômio 28:58).

Essencialmente, Moisés listou apenas *um* mandamento aqui. Mas ele descreveu isso de duas maneiras. Simplificando, reverenciar o nome glorioso e maravilhoso de Deus é a mesma coisa que seguir cuidadosamente todas as palavras de sua lei. E isso ocorre porque quando temos uma devida reverência a Deus e sua glória, expressamos essa reverência em obediência a todos os seus mandamentos.

Jesus ensinou essa mesma ideia em Mateus 22:37-40. Ouça suas palavras lá:

“Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento”. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (Mateus 22:37-40).

Jesus citou Deuteronômio 6:5 para ensinar que o mandamento de amar a Deus é o fundamento de todos os outros mandamentos. E, claro, amar a Deus inclui reconhecer e afirmar sua dignidade, bem como apreciá-lo e honrá-lo. Em resumo, amar a Deus é uma maneira importante de glorificá-lo.

Agora, por mais importante que seja para mantermos nossos corações no alvo da glória de Deus, glorificar a Deus é apenas parte de nosso duplo objetivo. Nós também devemos desfrutar de Deus para sempre. Então, vamos explorar esse prazer de Deus que é um aspecto tão importante do nosso objetivo principal.

DESEFRUTAR DEUS

Agora, quando falamos de nosso próprio prazer como um dos principais objetivos da ética bíblica, alguns cristãos ficam um pouco surpresos. Afinal de contas, nosso padrão para a vida ética é supostamente o caráter de Deus, não nossas próprias vontades e desejos. Então, como vamos resolver essa tensão? Como podemos reconciliar nossos próprios desejos de felicidade com o desejo de Deus por um mundo que o glorifique e

magnifique seu reinado? Bem, não surpreendentemente, a resposta é que o prazer humano adequado traz glória a Deus.

Falaremos de duas considerações que indicam que o desfrute humano de Deus realmente traz glória a Deus. Primeiro, vamos considerar o papel da humanidade no reino de Deus. Em segundo lugar, vamos voltar nossa atenção para o papel da lei que Deus deu para governar seu reino. Comecemos examinando o propósito de Deus para a humanidade como meio de trazer glória ao divino rei.

Papel da Humanidade

Quando Deus criou o mundo, o papel da humanidade era povoar e governar o reino de Deus. Mas Deus não queria simplesmente cidadãos que o servissem. Deus é um rei amoroso. Ele é bom e gentil e benevolente para nós. E ele quer que o amemos. Seu reino ideal não é aquele em que nos acovardamos com medo dele e obedecemos para que possamos evitar a punição. Pelo contrário, no reino ideal de Deus todos amam o Senhor e compartilham comunhão com ele e com seu povo.

Considere Romanos 14:17, onde Paulo fez o seguinte ponto:

Pois o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo (Romanos 14:17).

O povo do reino de Deus deve ser caracterizado pela alegria e paz. Em outras palavras, eles devem desfrutar das bênçãos que o seu Deus provê. E ouça estas palavras que Jesus ensinou em Mateus 13:44:

O Reino dos céus é como um tesouro escondido num campo. Certo homem, tendo-o encontrado, escondeu-o de novo e, então, cheio de alegria, foi, vendeu tudo o que tinha e comprou aquele campo (Mateus 13:44).

O reino de Deus é motivo de grande alegria. E a resposta humana adequada às bênçãos do reino de Deus é felicidade e prazer.

Vale a pena notar que Jesus deu esse ensinamento no contexto de explicar o dia vindouro do julgamento de Deus. Naquele dia, aqueles que são fiéis a Deus herdarão uma tremenda glória — a glória que supera de longe qualquer preço que possamos pagar nesta vida. E por causa dessa glória vindoura, devemos nos alegrar em nossa presente participação no reino, sabendo que estamos depositando tesouros no céu.

Agora que vimos que o prazer humano adequado traz glória a Deus por causa do papel da humanidade no reino de Deus, devemos nos voltar para o papel da lei, vendo como as regras do reino de Deus são projetadas e destinadas a nos trazer alegria.

Papel da Lei

A lei de Deus é o padrão revelado pelo qual ele governa seu reino, e somos obrigados a viver por ele. E quando vivemos de acordo com a lei, recebemos as bênçãos que Deus destinou aos cidadãos obedientes de seu reino. Assim, podemos dizer que um dos papéis da lei é instruir-nos a viver de maneiras que nos conduzam a bênçãos e prazeres.

Agora, é claro, se usarmos a lei incorretamente, então pedimos que a lei cumpra um papel que Deus nunca pretendeu. E isso pode levar a consequências terríveis. Por exemplo, se tentarmos obter a salvação mantendo a lei, a lei nos condenará à morte. Este foi o ponto de Paulo em Gálatas 3:10, onde ele comentou sobre a lei com estas palavras:

Já os que se apóiam na prática da Lei estão debaixo de maldição, pois está escrito: “Maldito todo aquele que não persiste em praticar todas as coisas escritas no livro da Lei” (Gálatas 3:10).

A lei é uma maldição quando a usamos erroneamente, como quando tentamos obter a salvação por nossas próprias boas obras, e não pelo mérito de Cristo. E em várias ocasiões, a Bíblia fala em termos severamente negativos sobre o uso indevido da lei.

Mas com muito mais frequência, a Bíblia fala do uso adequado da lei de Deus como uma grande bênção para a humanidade. E isso não deveria ser surpreendente. Afinal, a lei revela Deus para nós, ensinando-nos como agradá-lo e como obter suas bênçãos. De fato, a Escritura comumente fala da lei de Deus como um deleite, como no Salmo 1:2, e como um dom gracioso, como no Salmo 119:29. E ensina que guardar a lei resulta nas bênçãos da aliança do reino de Deus, como em Deuteronômio 28:1-14. Em resumo, a lei foi dada para o nosso bem, para nossa prosperidade e para nossa alegria. Davi resumiu essa visão da lei, Salmo 19:7-8, onde ele escreveu estas palavras:

A lei do Senhor é perfeita, e revigora a alma ... Os preceitos do Senhor são justos, e dão alegria ao coração (Salmo 19:7-8).

Deus nos deu regras a seguir para produzir alegria em nossas vidas. E essas regras são a lei dele. Então, quando obedecemos à lei de Deus, desfrutamos dele e o glorificamos ao mesmo tempo. Nós o apreciamos porque ele abençoa nossa obediência e porque nos agrada dar prazer ao Deus que amamos. E nossa alegria piedosa traz glória a Deus ao cumprir seu propósito, reconhecendo seu valor e expressando agradecimento a ele. De todas essas maneiras, o papel da Lei nos mostra que desfrutar de Deus é uma parte importante da meta de Deus para a humanidade.

Agora, é claro, no nosso mundo atual, nosso desfrute de Deus é frequentemente prejudicado pelo nosso sofrimento. Mas precisamos nos lembrar que no plano de Deus para nós, nosso sofrimento é na verdade um meio para nosso desfrute adicional de Deus. Passagens como Romanos 5:3-5, Tiago 1:2-4 e 1 Pedro 4:13 nos ensinam que Deus usa o sofrimento da mesma maneira que um refinador usa fogo para queimar as impurezas de metais preciosos. Nas mãos de Deus, nosso sofrimento é uma ferramenta que prova nossa fé e nos leva à maturidade espiritual, e isso acaba resultando em nossa alegria.

A experiência de alegria da humanidade redimida é um elemento crítico no plano de Deus para o seu reino. Ao olhar para o papel que ele atribuiu à humanidade e para o papel que ele atribuiu à sua lei dentro do seu reino, podemos ver que a parte do objetivo final de Deus para o seu povo redimido é que nós o apreciemos. E nossas experiências de alegria trazem grande glória ao nosso divino rei.

Até agora, nesta lição, investigamos as circunstâncias do reino de Deus, bem como a vida no reino de Deus. Neste ponto, estamos prontos para voltar nossa atenção para nosso último tópico principal: o programa para o reino de Deus. Nesta seção, nos concentraremos em metas mais específicas que Deus designou à igreja ao construir o reino de Deus.

PROGRAMA DO REINO

Em todas as épocas, o plano de Deus para o mundo tem sido o mesmo. Sempre foi seu objetivo estabelecer seu reino em todo o mundo, povoando-o com cidadãos leais e justos que transformam o mundo num paraíso para sua gloriosa presença. Mas é sempre importante lembrar que, em todas as épocas, Deus deu objetivos bastante específicos para dizer ao seu povo como realizar esse objetivo abrangente.

Nesta seção de nossa lição, examinaremos de perto duas dessas instruções que Deus deu a seu povo em estágios críticos da história do mundo. Primeiro, consideraremos o mandato cultural que Deus deu a Adão e Eva quando criou o mundo. E segundo, vamos olhar para a Grande Comissão, que Jesus designou para a igreja imediatamente após a sua ressurreição. Vamos nos voltar primeiro para o mandato cultural.

MANDATO CULTURAL

Nós investigaremos o mandato cultural observando três considerações: Primeiro, ofereceremos uma definição do mandato cultural, explicando o que é e o que geralmente requer. Em segundo lugar, discutiremos a relação entre o mandato cultural e as ordenanças de criação do casamento e do trabalho. E terceiro, examinaremos as diferentes aplicações do mandato cultural ao longo do desenvolvimento histórico do reino de Deus. Vamos começar definindo o que queremos dizer quando falamos do mandato cultural.

Definição

Em termos simples, a expressão “mandato cultural” refere-se ao mandamento de Deus para que os seres humanos expandam seu reino até os confins da terra através do desenvolvimento da cultura humana. Como vimos anteriormente nesta lição, quando Deus criou o mundo, ele ordenou que a humanidade enchesse e subjugasse a terra. Encontramos este mandato em Gênesis 1:28, onde lemos estas palavras:

**Sejam férteis e multipliquem-se! Enchem e subjuguem a terra!
(Gênesis 1:28).**

Já falamos sobre esse mandato em termos de nossa obrigação de espalhar o reino de Deus pelo mundo. Mas os teólogos também se referem a isso como o mandato cultural porque preencher e subjugar a terra envolve a construção de culturas humanas onde nenhuma existia antes.

Você se lembrará de que quando Deus criou o mundo, o Jardim do Éden foi a única área que ele transformou em uma habitação perfeita para a humanidade, e o único lugar que foi aperfeiçoado o suficiente para ele estar presente em sua glória com a humanidade. O trabalho da humanidade foi melhorar e povoar o resto do mundo, expandindo a comunidade do povo de Deus e, assim, o lugar da gloriosa presença do reino de Deus em todo o mundo.

Nesse sentido, o mandato cultural é a ordem para estabelecer populações e sociedades humanas justas que honram a Deus, incluindo as melhorias para o mundo que acompanham essas sociedades. O foco do mandato cultural está em povoar um mundo despovoado, construir novas sociedades e transformar os campos selvagens e os desertos do mundo em belos e produtivos jardins que dão vida para a glória de Deus.

Agora que vimos uma definição básica do mandato cultural, estamos prontos para abordar nosso segundo tópico: as ordenanças de criação do casamento e do trabalho, que representam algumas das preocupações centrais do mandato cultural.

Ordenanças de Criação

Há muitas maneiras pelas quais Deus transmite seus comandos para nós. Por exemplo, a maioria dos mandamentos registrados nas Escrituras são verbais. Ou seja, eles são transmitidos por palavras. E Deus também revela seus comandos para nós através de meios naturais, como através do mundo ao nosso redor, incluindo a natureza, assim como outros seres humanos. Mas os mandamentos de Deus também podem ser revelados por meio dos atos de criação de Deus. Uma ordenança de criação é uma ordem que foi revelada através dos primeiros atos de criação de Deus quando ele fez os céus e a terra.

Como vimos, o mandato cultural era um comando verbal. Gênesis 1:28 nos ensina que Deus falou o mandato cultural para a humanidade quando os criou, ordenando-os a encher a terra e subjugar-la.

E algumas das mesmas coisas que Deus falou no mandato cultural, ele também revelou através das ordenanças de criação de casamento e trabalho. Por exemplo, a ordenança de criação do casamento é baseada no propósito para o qual Deus criou dois gêneros, masculino e feminino.

Estamos todos familiarizados com os elementos básicos do casamento entre Adão e Eva: Primeiro, Adão foi criado; então Deus fez Eva da costela de Adão; e finalmente, Deus apresentou Eva a Adão e eles se tornaram marido e mulher. Mas ouça a maneira como Moisés comentou sobre o casamento entre Adão e Eva em Gênesis 2:24:

Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne (Gênesis 2:24).

Aqui, Moisés indicou que Deus criou tanto os seres humanos masculinos quanto os femininos com o propósito do casamento, um homem com uma mulher.

Os propósitos de Deus na criação são expressões do caráter de Deus. Como resultado, eles são normativos para todos os seres humanos. E assim, quando vemos que ele criou a humanidade em dois gêneros para fins de casamento, devemos concluir que a humanidade é obrigada a se casar e que o casamento deve ser uma união entre um homem e uma mulher. Isso não significa que todo indivíduo é obrigado a se casar. Mas isso significa que a raça humana como um todo deve perpetuar a instituição divina do casamento.

E a ordenança de criação do casamento está diretamente relacionada ao comando do mandato cultural de encher a terra, de ser frutífero e multiplicar-se. Simplificando, a Escritura instrui que as crianças devem nascer dentro do casamento e, portanto, o casamento é um pré-requisito para a multiplicação dos seres humanos.

Da mesma forma, existe uma ordenança de criação que nos ordena diretamente a trabalhar, a expandir o reino de Deus por toda a terra. Ouça esses detalhes em Gênesis 2:15, 18:

O Senhor Deus colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo ... Então o Senhor Deus declarou: “Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda” (Gênesis 2:15, 18).

Adão, o primeiro homem, foi criado para trabalhar no jardim de Deus. E sua esposa, Eva, foi criada para ajudá-lo nessa tarefa.

Então, quando lemos que o propósito de Deus para a humanidade é que trabalhemos em seu favor, devemos concluir que somos moralmente obrigados a trabalhar em nome de Deus. E essa ordenança de criação de trabalho está diretamente relacionada ao mandato do mandato cultural de subjugar a terra, isto é, estabelecer sociedades humanas em todo o mundo. Afinal de contas, se fosse através do esforço e trabalho que a humanidade cuidaria do jardim de Deus, certamente expandir esse esforço para incluir toda a terra também exigiria um trabalho substancial.

Como dissemos ao longo desta lição, construir o reino de Deus é o objetivo da humanidade. E as ordenanças da criação nos mostram duas das maneiras mais básicas que Deus nos ordenou para trabalhar em direção a essa meta. Como resultado, a igreja deve sempre afirmar e se envolver em casamento e trabalho. E quando fizermos isso, vamos expandir o reino de Deus na terra e trazer-lhe honra e glória.

Agora que explicamos o mandato cultural e sua relação com as ordenanças de criação do casamento e do trabalho, estamos prontos para nos dedicar às várias aplicações do mandato cultural nos diferentes períodos históricos do reino de Deus.

Aplicações

Como vimos, o mandato cultural foi dado na criação antes da queda da humanidade no pecado. Naquela época, Deus estava em paz com seu povo. E porque não

havia pecado na sociedade humana, o objetivo do mandato cultural era simplesmente expandir e desenvolver o reino de Deus, especialmente multiplicando os cidadãos dentro do reino de Deus e reordenando o mundo natural para formar sociedades humanas. Nesse sentido, o mandato cultural era originalmente um simples comando criativo, em vez de um comando redentor ou restaurativo; os seres humanos criariam mais pessoas por meio do casamento e criariam sociedades ordenadas por meio do trabalho.

Mas com a queda da humanidade no pecado, a cultura humana foi corrompida e Deus amaldiçoou a humanidade por causa do pecado. Entre outras coisas, essa corrupção e maldição aplicavam-se especificamente ao casamento e ao trabalho.

Com relação ao casamento, Deus colocou a seguinte maldição sobre Eva em Gênesis 3:16:

Multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez ... Seu desejo será para o seu marido, e ele a dominará (Gênesis 3:16).

Observe que a maldição de Eva se aplicava tanto à reprodução, que agora seria extremamente dolorosa para ela, quanto ao casamento, que agora envolveria lutas e conflitos.

Deus amaldiçoou Adão com estas palavras em Gênesis 3:17, 19:

Maldita é a terra por sua causa; com sofrimento você se alimentará dela todos os dias da sua vida ... Com o suor do seu rosto você comerá o seu pão (Gênesis 3:17, 19).

Antes desta maldição sobre a terra, a terra era facilmente gerida pelo trabalho da humanidade. Por essa maldição, tornou-se muito mais difícil para a humanidade cumprir sua obrigação de subjugar a terra e espalhar o reino de Deus geograficamente.

A humanidade continuou no pecado ao longo da história, de modo que nenhuma sociedade humana propriamente manifesta o reino de Deus na terra. Mas o mandato cultural ainda nos obriga a casar e procriar, e a trabalhar para espalhar o reino de Deus até os confins da terra. Então, como podemos entender o mandato cultural à luz da corrupção do mundo?

A resposta é que o mandato cultural agora tem uma aplicação expandida. O objetivo do mandato cultural é transformar o mundo inteiro no reino de Deus na terra, um mundo adequado para sua habitação entre seu povo. Antes da Queda, isso deveria ser realizado simplesmente pela construção de novas sociedades e culturas.

Mas agora a tarefa é mais difícil. Não só precisamos subjugar e encher a terra com o povo fiel de Deus, como também precisamos restaurar e redimir a sociedade humana caída, purgando o pecado de nossas culturas. E, de fato, a Bíblia torna clara essa ênfase na restauração e redenção imediatamente após a queda da humanidade no pecado. Por exemplo, quando Deus amaldiçoou a serpente no Jardim do Éden, ele também deu esperança redentora à raça humana. Ouça suas palavras em Gênesis 3:15:

Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar” (Gênesis 3:15).

No meio de distribuir maldições após a Queda, Deus apresentou o *protoevangelion*, ou “primeiro evangelho”, indicando que ele não abandonaria sua criação para pecado e maldição.

Assim, vemos que tanto o casamento quanto o trabalho têm qualidades redentoras. O casamento e a reprodução, tão dolorosos e conflituosos como se tornaram, acabariam por produzir o Salvador do mundo. E o trabalho, mesmo sendo extremamente difícil, sustentaria a raça humana por tempo suficiente para produzir o Redentor vindouro. E esse padrão continuaria ao longo da história, resultando na restauração de todo o mundo.

Por exemplo, em Gênesis 9, após o dilúvio dos dias de Noé, Deus repetiu o mandamento de encher a terra. E ele prometeu sustentar o mundo para que a raça humana pudesse subjugar-lo novamente.

E observe que, à medida que Deus aplicou o mandato cultural e as ordenanças de criação ao mundo nos dias de Noé, esse foi um trabalho restaurador e redentor. Deus acabara de destruir todo o mundo pecaminoso, e agora cabia a Noé reconstruí-lo, substituir as culturas pecaminosas destruídas por pessoas justas e piedosas e repovoar a Terra com seres humanos que obedeceriam e honrariam o Senhor.

Similarmente, em Gênesis 15, 17 e 22, Deus prometeu que Abraão teria inúmeros descendentes e que eles herdariam não apenas a Terra Prometida, mas eventualmente toda a terra.

Mas havia também um aspecto redentor aqui. Abraão deveria ultrapassar as culturas pagãs existentes na Terra Prometida e substituí-las pelo reino de Deus. E seus descendentes acabaram por espalhar essa conquista em todo o mundo.

E o que era verdade para Noé e Abraão continuaria a ser verdade em toda a Bíblia. Por exemplo, em Deuteronômio 28, Deus confirmou essas mesmas promessas Abraâmicas nos dias de Moisés. E no Salmo 89 eles foram confirmados novamente para Davi e seus descendentes.

E, como lemos em Apocalipse 11:15, Jesus eventualmente governará a Terra inteira, estendendo o reino de Deus a todos os cantos. E Hebreus 10:12-14 indica que quando Jesus fizer isso, ele aperfeiçoará tanto o mundo quanto a raça humana, destruindo seus inimigos e redimindo e restaurando completamente os crentes.

Além disso, Efésios 5:25-27 nos ensina que quando Cristo entrar em seu reino, ele estará casado com a igreja. E de acordo com Hebreus 2:13, Cristo terá muitos filhos porque todo crente é seu filho.

Como vimos, o mandato cultural expressa o programa de Deus para o seu reino. Mas desde a Queda, a realização deste programa envolve um longo e difícil processo de redenção e restauração. No entanto, através de coisas como casamento e trabalho, Deus ainda está usando a humanidade para cumprir o mandato cultural. Claro, seu reino não será completado até que Cristo retorne em glória. Mas quando esse dia chegar, o mundo inteiro será transformado no paraíso que Deus sempre pretendeu.

Agora que temos uma compreensão básica do mandato cultural em mente, estamos prontos para ver que papel a Grande Comissão desempenha no programa de Deus para o seu reino.

GRANDE COMISSÃO

Nossa discussão da Grande Comissão se dividirá em três partes: primeiro, ofereceremos uma definição da Grande Comissão. Em segundo lugar, explicaremos as implicações da Grande Comissão. E terceiro, exploraremos a relação entre a Grande Comissão e o mandato cultural. Vamos começar com a definição da Grande Comissão.

Definição

A Grande Comissão é a designação de Cristo dos onze apóstolos fiéis como seus representantes de autoridade e seu encargo para eles de espalhar o reino de Deus por todo o mundo. Esta comissão é comumente chamada de "grande" porque explica a missão primordial não apenas dos apóstolos, mas também da igreja que eles construíram.

A Grande Comissão está registrada em Mateus 28:18-20, onde lemos estas palavras do Senhor aos onze:

Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em[a] nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos (Mateus 28:18-20).

A Grande Comissão contém três elementos essenciais: primeiro, a afirmação de Jesus de que ele possuía a autoridade para construir seu reino e comissionar os apóstolos para realizar o trabalho; segundo, o encargo de Jesus aos apóstolos, instruindo e autorizando-os a construir seu reino; e terceiro, a garantia de Jesus de que ele capacitaria e protegeria os apóstolos nesse empreendimento.

Embora a Grande Comissão tenha sido entregue apenas aos apóstolos, a Grande Comissão também vincula a igreja a continuar seu trabalho. Afinal de contas, Jesus comissionou os apóstolos para fazer discípulos de todas as nações — um trabalho claramente grande demais para ser feito por apenas alguns homens. Ele também falou de estar com eles até o final dos tempos, indicando que ele veria este trabalho até a sua conclusão em seu retorno. Esses detalhes indicam que Jesus sempre pretendeu que os apóstolos realizassem a Grande Comissão estabelecendo uma igreja para fazer o trabalho.

Agora que definimos a Grande Comissão, devemos voltar nossa atenção para suas implicações. Nesta seção, vamos considerar as responsabilidades que a igreja tem à luz da Grande Comissão.

Implicações

Em termos simples, a responsabilidade da igreja é continuar o programa do reino que os apóstolos iniciaram. Essas responsabilidades estão resumidas no segundo

elemento essencial da Grande Comissão: o encargo aos apóstolos. Essa incumbência é encontrada em Mateus 28:19-20 e consiste nas seguintes instruções:

Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos (Mateus 28:19-20).

A instrução de Jesus não era apenas discipular pessoas de todas as nações, mas expandir o reino de Deus para incluir as próprias nações. Em outras palavras, ele estava procurando uma expansão geográfica e uma expansão numérica.

É tarefa da igreja evangelizar a todos no mundo, trazer crentes e suas famílias para a igreja, batizá-los e ensiná-los a obedecer a tudo o que Jesus ordenou. Em todas as gerações, precisamos trabalhar para levar o mundo inteiro ao reino de Deus.

Tendo definido a Grande Comissão e introduzido suas implicações para a igreja, estamos prontos para voltar ao nosso tópico final: a relação entre o mandato cultural e a Grande Comissão.

Mandato Cultural

Vamos considerar três aspectos da relação entre o mandato cultural e a Grande Comissão: as semelhanças entre eles, as diferenças entre eles e as prioridades que devemos colocar em cada um deles. Primeiro, vamos explorar as semelhanças entre o mandato cultural e a Grande Comissão.

As semelhanças entre o mandato cultural e a Grande Comissão são de grande alcance. Por exemplo, ambos obrigam a humanidade a construir o reino de Deus e até a tornar este nosso objetivo principal na vida. E como parte desta construção do reino, ambos exigem que enchamos a terra com os cidadãos do reino de Deus, seja pela geração de filhos dentro do casamento ou pela geração de filhos através do evangelismo. E ambos exigem que subjuguemos a terra, seja construindo sociedades ou discipulando nações.

Podemos resumir essas semelhanças dizendo que A Grande Comissão é a aplicação de Cristo ao mandato cultural até que ele retorne. Desde o ministério terreno de Cristo, a Grande Comissão tem sido e continua sendo uma maneira importante de aplicar o mandato cultural, e a igreja é obrigada a segui-lo.

Além dessas semelhanças, há também algumas diferenças entre o mandato cultural e a Grande Comissão que devemos considerar.

Uma diferença importante entre o mandato cultural e a Grande Comissão é que o mandato cultural se refere a todas os períodos históricos da humanidade e a Grande Comissão se concentra na situação especial da igreja antes do retorno de Cristo. O mandato cultural foi dado na criação, e desde então sempre foi trabalho da humanidade transformar o mundo em um paraíso adequado para a habitação de Deus.

Em contraste, a Grande Comissão foi dada apenas ao fim do ministério terreno de Jesus, e foi especificamente focada nas responsabilidades éticas primárias do povo de Deus durante o último período da história do reino.

Assim, enquanto o mandato cultural é nossa responsabilidade fundamental, a Grande Comissão é a principal aplicação dessa responsabilidade durante o período atual da história.

Outra diferença importante é que o mandato cultural é um mandamento amplo, enquanto a Grande Comissão é um mandamento estreito. O mandato cultural requer que a humanidade se case e tenha filhos físicos para produzir mais seres humanos. E também requer que tenhamos filhos espirituais que são imagens de Deus em seu reino. Em contraste, a Grande Comissão enfatiza apenas a necessidade de ter filhos espirituais fazendo discípulos.

E algo semelhante é verdade sobre o trabalho. Na medida em que o mandato cultural visa estabelecer o reino de Deus em todo o mundo, é necessário que façamos discípulos. Mas também requer que trabalhem para construir sociedades humanas. Em contraste, a Grande Comissão exige que trabalhem apenas para fazer discípulos. Não inclui um requisito específico para construir sociedades humanas.

Finalmente, tendo analisado as semelhanças e diferenças entre o mandato cultural e a Grande Comissão, devemos nos voltar para a questão das prioridades.

Muitas vezes, na história da igreja, os cristãos discordam sobre quais dos grandes mandatos de Deus têm prioridade sobre o outro. Alguns argumentam que os cristãos devem concentrar suas vidas nos requisitos do mandato cultural, envolvendo-se em casamento, procriação e trabalho à medida que constroem a cultura humana. Outros argumentaram que esses requisitos foram substituídos pelo mandato evangélico de fazer discípulos por meio de evangelismo e ensino. Essa tensão tem importância prática muito importante para cada um de nós. Devemos nos concentrar em uma direção ou outra? A construção da cultura humana deve ter precedência sobre o ministério do evangelho? Ou o ministério do evangelho deve ter prioridade?

Em certo sentido, o mandato cultural tem prioridade sobre a Grande Comissão na medida em que veio primeiro e expressa o objetivo final da humanidade, ou seja, o completo triunfo do reino de Deus em todo o mundo.

Mas em outro sentido, a Grande Comissão tem prioridade na medida em que aplica o mandato cultural às circunstâncias especiais da era atual, concentrando-se no que especialmente precisa ser feito em nossa época. Enquanto esperamos que Cristo volte em glória, uma das nossas principais prioridades é resgatar homens e mulheres de todo o mundo do poder do pecado através da proclamação do evangelho.

Como resultado, haverá momentos em que os comandos explícitos do mandato cultural e da Grande Comissão parecem estar em tensão. Quando sentimos essa tensão, devemos sempre ter a certeza de prestar atenção especial às prioridades da Grande Comissão. Se encontrarmos tensão em nossas vidas entre os mandamentos de casamento e trabalho do mandato cultural e os mandamentos da Grande Comissão para evangelizar e discipular, precisamos avaliar o mandato cultural à luz da Grande Comissão. Precisamos entender que as declarações da Grande Comissão são interpretações normativas e aplicações do mandato cultural de nosso tempo. E, nesse sentido, precisamos dar alguma prioridade à Grande Comissão quando se trata de aplicação moderna.

Em 1 Coríntios 9:15-23, Paulo falou em renunciar ao seu direito de casar e ser pago por seu trabalho. Ouça suas palavras lá:

Mas eu não tenho usado de nenhum desses direitos ... Tornei-me tudo

para com todos, para de alguma forma salvar alguns. Faço tudo isso por causa do evangelho, para ser co-participante dele (1 Coríntios 9:15-23).

Em conclusão, o mandato cultural é o programa abrangente de Deus para o seu reino. Seu objetivo final é espalhar seu reino por toda a criação e povoar seu reino com cidadãos fiéis. E ele estabeleceu as ordenanças da criação, como casamento e trabalho, como meio de atingir esse objetivo.

Mas a queda da humanidade no pecado tornou esse objetivo impossível para nós cumprirmos. Portanto, Deus começou a redimir a raça humana para que possamos restaurar o mundo e transformá-lo em seu reino perfeito. E os meios primários que Ele providenciou para esta redenção e restauração são evangelismo e discipulado, aquelas coisas que ele ordenou na Grande Comissão.

A Grande Comissão, então, é uma aplicação normativa do mandato cultural para a presente era em que os estágios finais do reino de Deus já começaram, mas ainda não chegaram ao fim.

CONCLUSÃO

Nesta lição, vimos que o reino de Deus é o objetivo final da ética cristã. Consideramos as circunstâncias do reino de Deus, incluindo sua importância, seus componentes e seu desenvolvimento. Nós discutimos nossa experiência do reino de Deus, olhando para o nosso duplo objetivo. E vimos o programa para o reino como é declarado tanto no mandato cultural como na Grande Comissão.

O sucesso do reino é o objetivo final de Deus para sua criação. E, portanto, deve ser nosso objetivo final também. De fato, cada um de nossos pensamentos, palavras e ações deve servir ao edifício do reino de Deus de alguma forma. Na medida em que o fazem, Deus aprova e abençoa-os, para que possam ser justamente chamados de bons eticamente. E na medida em que eles diminuem a meta do reino, Deus condena-os para que sejam justamente chamados de mal. Sempre que nos propomos a fazer julgamentos éticos, devemos explicar as maneiras pelas quais nossas decisões afetarão o reino de Deus.